

o[s] tempo[s] do[s] medi@

ESTUDOS DO SÉCULO

XX

número 7 . 2007

Revisitar o passado na América:
a 'questão de ser mulher' no jornalismo

Maria João Silveirinha

SILVEIRINHA, Maria João - "Revisitar o passado na América:
a 'questão de ser mulher' no jornalismo."
In: *Estudos do Século XX*, n.º 7 (2007), p. 115-132.

Maria João Silveirinha. Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa, Professora na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Investigadora no Centro de Investigação Media e Jornalismo – CIMJ.

Introdução

The Business of Being a Woman: é este o título de uma colectânea de artigos escritos por uma das primeiras mulheres que conseguiu um lugar no jornalismo americano. Sendo também uma visão conservadora do lugar da mulher na sociedade, os artigos são possivelmente mais do que o resultado de uma contra-reacção ao feminismo, como a que hoje encontramos com tanta frequência: são a expressão dos dilemas de muitas mulheres no seu acesso a uma profissão. Importa, pois, revistar o passado, não para nele procurar as respostas, mas as experiências, os caminhos, as mudanças e as continuidades no acesso das mulheres ao jornalismo, no contexto das transformações deste.

A crescente entrada das mulheres no jornalismo está hoje bem documentada. Na União Europeia, por exemplo, elas constituem perto de metade da força de trabalho. Associadas a essa entrada, estão várias questões – nomeadamente, a indagação de se existem formas específicas de fazer jornalismo no feminino¹. Na maioria dos países, o número crescente de mulheres no jornalismo fez-se em simultâneo com outras mudanças significativas no campo. A “tabloidização”, o *infotainment*, o jornalismo “comercial”, e sobretudo a “popularização” das narrativas noticiosas, são conceitos frequentemente usados para descrever um novo estilo de jornalismo. Além deles, a marcar as discussões sobre os novos géneros de produção noticiosa, tem também aparecido um conceito mais específico: o da hipótese da “feminização” do jornalismo². Será verdade que o novo género de notícias abriu o jornalismo às mulheres, ou será antes que o número crescente de mulheres mudou as formas e conteúdo das notícias? É, no entanto, complexo responder à enganadora pergunta sobre causas e efeitos na pesquisa dos *media*, questão que já discutimos noutra lugar³. Mais profícuo, é compreendermos não só o circuito das notícias, o seu enraizamento institucional e a própria definição do jornalismo, mas também a questão da igualdade na profissão. Na verdade, todos estes temas estão interligados, e uma revisitação do passado e das origens do jornalismo mostra isso mesmo.

Entre nós, existem vários trabalhos sobre a história das primeiras jornalistas portuguesas⁴ que nos lembram que, por vezes, para fazer a sua avaliação numa perspectiva

¹ Veja-se: RODGERS, Shelly e THORSON, Esther – “A Socialization Perspective on Male and Female Reporting”. In: *Journal of Communication*. 2003, n.º 53:4, p. 658–675; LAVIE, A. e LEHMAN-WILZIG, S. – “Whose News? Does Gender Determine the Editorial Product?”. In: *European Journal of Communication*, 2003, 18 (1), p. 5-29.

² HOLLAND, Patricia – “The politics of the smile. ‘Soft news’ and the sexualisation of the popular press”. In: CARTER, Cynthia; BRANSTON, Gill and ALLAN, Stuart – *News, Gender and Power*. London and New York, Routledge, 1998, p. 17-32; VAN ZONEN, Liesbet – “A professional, unreliable, heroic marionette (M/F). Structure, agency and subjectivity in contemporary journalism”. In: *European Journal of Cultural Studies*. 1998, vol. 1:1, p. 123-143; VAN ZONEN, Liesbet – “One of the girls? The changing gender of journalism”. In: CYNTHIA Carter; BRANSTON, Gill and ALLAN, Stuart – *News, Gender and Power*. London and New York, Routledge, 1998, p. 47-70.

³ Remetemos para SILVEIRINHA, Maria João – “Representadas e Representantes: As mulheres e os Media”. In: *Media & Jornalismo*. Coimbra, 2004, n.º 5, p. 9-30.

⁴ Por exemplo: LEAL, Maria Ivone – “Os papéis tradicionais femininos: Continuidades e Rupturas de Meados do Séc. XIX a meados do século XX”. In: *A mulher na sociedade portuguesa*. Coimbra, Instituto de História Económica e Social, FLUC, 1986, vol. 2, p. 353-368; LEAL, Maria Ivone – *Um século de periódicos*

histórica, é necessário usar “um conjunto mais vasto de critérios do que os aplicados aos homens, dadas as complexidades dos papéis sociais das mulheres”⁵. Isto não se aplica tanto aos primeiros periódicos femininos - alguns escritos inteiramente por homens, como *O Toucador – Periódico sem Política dedicado às Senhoras Portuguesas* (1822), fundado e escrito inteiramente por Almeida Garrett -, mas aplica-se sobretudo às diversas formas de experienciar e veicular o discurso da emancipação das mulheres no século XIX. É nesse contexto, por exemplo, que Antónia Gertrudes Pusich, procurando realçar a temática da educação e da instrução das mulheres, fundou e dirigiu, pela primeira vez, para as mulheres portuguesas, *A Assembléia Litteraria - Jornal D’Instrução* (1849) e mais tarde *A Beneficência* (1852/5) e *A Cruzada* (1858).

Neste artigo interessa-nos, porém, visitar uma outra realidade – a Americana – onde o jornalismo se desenvolveu com traços muito característicos e que podem ser hoje tidos como as raízes de algum tipo de jornalismo contemporâneo. Duas razões nos levam até este país: por um lado, porque o panorama histórico dos Estados Unidos nos permite também ver como também aí foi difícil a luta das mulheres, nomeadamente no seu acesso ao jornalismo; por outro lado, porque a história de algumas jornalistas americanas exemplifica, de uma forma muito particular, como lidaram com os contextos organizacionais das notícias, numa época em que a concorrência pelos leitores era tão ou mais forte quanto é hoje.

No tocante ao primeiro aspecto, a investigação dos *media* tem demonstrado bem a invisibilidade da cobertura do movimento das mulheres e a própria agressividade com que o movimento das sufragistas foi tratado pela imprensa americana. A primeira convenção dos direitos das mulheres em Seneca Falls, Nova Iorque, 1848, por exemplo, foi chamada pela imprensa uma “convenção de espartilhos” e “o incidente mais chocante e pouco natural registado na história das mulheres”⁶, e a convenção nacional das mulheres em Worcester, Massachusetts, em 1850, viu-se rotulada como a “convenção das galinhas”⁷. Mas foi também aqui que a imprensa feminina se desenvolveu de uma forma muito particular e onde as mulheres iniciaram as suas lutas (por vezes ambivalentes, como veremos) pelo acesso ao jornalismo.

Por outro lado, na viragem para o século XX, nasciam as “soft news”, os escândalos, o sensacionalismo, e o jornalismo de denúncia. Se é certo que as “soft news”, como argumenta Patrícia Holland,⁸ são hoje especialmente condutoras ao sucesso das mulheres, é preciso compreender os contextos históricos em que tal aconteceu. Mais especificamente, buscaremos as raízes da “popularização”, acompanhada do movimento para o

femininos. Lisboa, MESS. CIDM, 1992; CASTRO, Osório de; ZÍLIA; ESTEVES, João – *Dicionário no Feminino (Séculos XIX-XX)*. Lisboa, Livros Horizonte, 2005; DUARTE, Cristina L. – “O jornalismo feminino no século XIX português”. In: *A Cidade das Mulheres*. 2006 http://acidadedasmulheres.blogspot.com/2006_05_01_archive.html

⁵ BEASLEY, Maurine – “Recent Directions for the Study of Women’s History in American Journalism”. In: *Journalism Studies*. 2001, Vol. 2(2), p. 208.

⁶ SOLOMON, Martha M. – *A Voice of Their Own: The Woman Suffrage Press*. Tuscaloosa, University of Alabama Press, 1991, p. 13.

⁷ SOLOMON, Martha M. – *A Voice of Their Own: The Woman Suffrage Press*. Tuscaloosa, University of Alabama Press, 1991, p. 19.

⁸ HOLLAND, Patricia – “The politics of the smile. ‘Soft news’ and the sexualisation of the popular press”. In: CARTER, Cynthia; BRANSTON, Gill and ALLAN, Stuart – *News, Gender and Power*. London and New York, Routledge, 1998, p. 17-32.

jornalismo de investigação, no início do campo na América. Aí, as mulheres tiveram um papel importante que a historiografia do jornalismo nem sempre contempla, mas que nos ajuda a compreender os tempos de hoje.

Maurine Beasley defende que “os historiadores avaliaram as mulheres como jornalista sobretudo em termos da sua capacidade de aderir a um ideal de objectividade na recolha e apresentação das notícias que tinha por objectivo dar um quadro racional, verdadeiro do mundo. O ideal formulado por editores masculinos no século XIX encaixa bem numa sociedade industrial que expressou a fé na ciência e usou as notícias como um bem comercial (...). Como os editores pensavam que as mulheres eram demasiado emocionais para cumprir os ideais de objectividade, as que procuravam seguir carreiras no jornalismo tinham de provar serem profissionais capazes de cumprir os padrões masculinos”⁹.

Compreender como se passou, na América, de “editoras de revistas” a “jornalistas” pode ajudar-nos a situar a ascensão ao jornalismo num contexto de alfabetização, de forte imigração e pobreza, de grande difusão dos meios de comunicação mas, sobretudo, num tempo de luta das mulheres pelo acesso ao voto, à cultura, à independência financeira, às profissões intelectuais e também ao reconhecimento da especificidade da sua identidade feminina. Para o compreendermos, faremos, pois, uma necessariamente breve passagem pelos primeiros anos da história do jornalismo americano no feminino.

Os primeiros caminhos das jornalistas americanas

Sendo conhecidas as relações entre as formas literárias e o jornalismo na afirmação deste, para iniciar a nossa revisitação podemos remontar à era Jacksoniana. Aí encontraremos algumas mulheres que começaram a entrar nos jornais e o fizeram em termos do que poderíamos hoje chamar de “hard news”. Entre elas, está Margaret Fuller, mais conhecida pelo seu tratado sobre os direitos das mulheres *Woman in the Nineteenth Century*, que foi correspondente Europeia para o *New York Tribune* durante os anos 40 do século XIX, para além de editora do *The Dial*, um jornal literário. Na verdade, Margaret Fuller começara por ser recrutada para o jornal como crítica literária, mas por volta de 1840, escrevia sobre prostituição, doenças mentais e prisões. Refira-se também Anne Royall que, tendo entrado no jornalismo com 55 anos, após a morte do marido, escreveu sobre fraudes federais ou sobre o roubo de terras dos índios pelo governo, nos seus jornais de Washington *Paul Pry* e o *The Huntress* também durante os anos de 30 e 40. Mais tarde, mas ainda no mesmo século, Mary Clemmer Ames, uma antiga enfermeira da Guerra Civil, fez a cobertura do Congresso no *New York Independent* e no *Brooklyn Daily Union*. Poder-se-á ainda mencionar Kate Field, que fundou o seu próprio jornal, o *Kate Field Washington*¹⁰.

⁹ BEASLEY, Maurine – “Recent Directions for the Study of Women’s History in American Journalism”. In: *Journalism Studies*. 2001, Vol. 2(2), p. 211.

¹⁰ KITCH, Carolyn – “Women in journalism”. In: SLOAN, W. David and PARCELL, Lisa Mullikin (eds.) – *American Journalism: History, Principles, Practices*. Jefferson, NC, McFarland & Company, 2002, p. 87-96.

No jornalismo americano feito pelas mulheres do século XIX, encontramos também “jornais de causas” e temas relacionados com questões sociais e políticas, abordando assuntos como a abolição e as campanhas pelo sufrágio. Jane Swisshelm publicou um jornal abolicionista no Minnesota depois de o ter feito em Pittsburgh. Paulina Wright Davis, em 1853, lançou o primeiro jornal sobre os direitos das mulheres.

Simultaneamente, muitas outras jornalistas do século XIX trataram de temas sociais nas chamadas “páginas femininas” dos jornais, com um estilo distinto - “conversacional, sentimental, de repreensão”¹¹ - que originavam a simpatia dos leitores e a troça dos críticos.

Estas páginas devem muito às primeiras revistas femininas que evoluíram muito, e de forma complexa, nos seus formatos e nas implícitas definições das mulheres: “tal como o significado da feminilidade se foi sempre refazendo, o mesmo aconteceu com o significado e a forma das revistas e as suas convenções”¹². Nesta medida, as primeiras revistas femininas constituem um aspecto importante do espaço público e tiveram também um efeito cumulativo sobre o jornalismo, nas suas intercepções entre o pessoal e o político, o popular e a referência. Ainda que os seus principais editores fossem sobretudo homens, davam voz a muitas mulheres nas suas colunas, não só para falarem de cuidados domésticos, moda e sociedade, como acontecia nos jornais, mas também de assuntos que se prendiam mais directamente com a emergente luta das mulheres. Muitas colaboradoras eram escritoras ou artistas. *A Delineator* e *a Pictorial Review*, por exemplo, avançavam as campanhas de sufrágio e questões como a contracepção.

Quando chegamos aos primeiros anos do século XX, as maiores revistas femininas focavam questões que afectavam as mulheres e as crianças, incluindo questões de saúde, de higiene, de condições de vida, de emprego e de trabalho infantil.

Este jornalismo, que viria a ser conhecido como “municipal housekeeping” (trabalho doméstico municipal), baseava-se na ideia progressista de que os valores domésticos das mulheres podiam ser estendidos à cidade e que por isso seria da responsabilidade delas manter as cidades seguras e limpas, contribuindo assim para o fim da corrupção da vida pública. Os seus meios de divulgação eram sobretudo os clubes e as revistas femininas, bem como os panfletos das sufragistas, mas o jornalismo também o adoptou. “A típica dona de casa municipal”, explica Agnes Hooper Gottlieb, “era uma voluntária ou uma mulher do clube [feminino]. Mas (...) algumas eram membros das ‘profissões de ajuda’ que usavam as suas posições para limpar as cidades. Durante a Era Progressiva, profissões pagas, como o trabalho social, a medicina, a sociologia e o jornalismo tornaram-se mais acessíveis às mulheres. Porque elas deveriam ‘apontar o caminho para uma sociedade mais moral e racional’, o seu trabalho nestas profissões (...) recaía sob o domínio da dona de casa social’. Desta forma, as mulheres jornalistas começaram a envolver-se no movimento de ‘housekeeping’¹³. Nas revistas, sobretudo, faziam jornalismo de investiga-

¹¹ KITCH, Carolyn - “Women in journalism”. In: SLOAN, W. David and PARCELL, Lisa Mullikin (eds.) - *American Journalism: History, Principles, Practices*. Jefferson, NC, McFarland & Company, 2002, p. 89.

¹² BEETHAM, M., - *A magazine of her own? Domesticity and desire in the woman's magazine, 1800-1914*. London, Routledge, 1996, p. 5.

¹³ GOTTLIEB, Agnes Hooper - “Women and Exposé: Reform and Housekeeping”. In: MIRALDI, Robert (ed.) - *The Muckrakers: Evangelical Crusaders*. Praeger, Westport, CT, 2000, p. 75-76.

ção que se destinava a este trabalho de reforma, fazendo inúmeras campanhas e publicando artigos de várias feministas conhecidas na época.

Para Gottlieb, este jornalismo de “municipal housekeeping” teve resultados específicos: encorajou as mulheres a envolver-se em reformas antes consideradas fora da sua esfera de influência; permitiu publicitar os males sociais muitas vezes ignorados pelos jornais de maior circulação; por fim, deu às jornalistas, uma alternativa às matérias insignificantes que tinham de cobrir nos seus empregos. Constitui exemplo deste jornalismo a série de artigos publicados na revista *Good Housekeeping* que expôs as deploráveis condições das escolas em 1909 e que mobilizou as mães a irem às escolas em busca dos perigos destas. Na imprensa, refira-se Helen Campbell que escreveu uma série de artigos sobre os bairros de lata de Nova Iorque no *New York Tribune*.

Não é, no entanto, o seu trabalho jornalístico nas revistas que é hoje mais recordado, mas aquele que ficou conhecido como “muckraking”, ainda que “o jornalismo de investigação – o muckraking – das revistas femininas diferisse substancialmente no seu conteúdo, nos seus repórteres e nas causas defendidas”¹⁴. O que melhor é conhecido – e onde se encontram muitas raízes do jornalismo de investigação de hoje, – são precisamente as histórias de abuso e corrupção, que dominariam as revistas de início de século. Os seus antecedentes são, no entanto, um tipo de jornalismo por vezes esquecido e considerado passageiro: o “stunt journalism” (“jornalismo de proezas”), onde as mulheres jornalistas fizeram história num contexto profissional muito particular.

Entre “raparigas de proezas”, “irmãs carpideiras” e colunas de aconselhamento

As *stunt girls* eram jornalistas que, para conseguirem as suas histórias, se disfarçavam em vários papéis: como ‘sem-abrigo,’ como trabalhadoras de têxteis ou doentes de hospital, estas jornalistas revelavam os factos da vida urbana plenos de emoção e escândalo, ao lado de outras que escreviam nas “páginas femininas”. O *New York World*, por exemplo, empregava “Jennie June” nas suas páginas femininas e, nas suas páginas políticas, Elizabeth Cochrane, que ficou famosa como a *stunt girl* “Nellie Bly”, no final da década de 1880.

Mesmo com poucos estudos, sem qualquer formação de jornalista e sem credenciais de um campo específico, Elizabeth Jane Cochrane (1864-1922), de seu *nom de plume* Nellie Bly, foi a primeira mulher jornalista do *Pittsburgh Dispatch*¹⁵. Tendo conseguido o seu emprego através de uma carta ao editor criticando as suas visões anti-sufragistas, viria a demonstrar ser uma jovem criativa, disposta a misturar-se com os pobres, entrar nas fábricas, falar com as pessoas em geral, e com os imigrantes em particular. As suas colunas eram bem aceites e a sua fama em Pittsburgh depressa cresceu. O *Social Mirror* descreveu-a da seguinte forma: “em pessoa, ‘Nellie Bly’ é magra, de movimentos rápidos, um morena de cara alegre e *coquette*. Animada na sua conversação e rápida no *repartée*, é uma favorita entre os cavalheiros”¹⁶.

¹⁴ ENDERS, Kathleen – “Muckraking: a Term Worth Redefining”. In: *American Journalism*. 1997, 14, 3-4, p. 266.

¹⁵ Veja-se: LUTES, Jean Marie – “Into the Madhouse with Nellie Bly: Girl Stunt Reporting in Late Nineteenth-Century America”. In: *American Quarterly*. 2002, Volume 54, Number 2, p. 217-253.

¹⁶ KROEGER, Brooke – *Nellie Bly: Daredevil, Reporter, Feminist*. Nova Iorque, Random House, 1994, p. 50.

Pouco tempo depois de uma ousada viagem ao México (então sob a ditadura de Porfirio Diaz), em 1887, de onde mandava as suas reportagens para o *Dispatch*, partiu para Nova Iorque, na altura palco da luta entre gigantes do jornalismo: o *Times*, o *Herald*, o *Tribune*, o *Sun* e o *World*. Mas era sobretudo o trabalho do imigrante húngaro Joseph Pulitzer que a atraía, e foi à porta do seu *New York World* que foi bater, em busca de emprego¹⁷. Aí começariam as suas “proezas” jornalísticas. Ficaram famosas as suas reportagens conseguidas com o seu arrojado e perigoso internamento num asilo psiquiátrico. Para as escrever, fingira ser louca, até ser internada, e assim poder denunciar as péssimas condições dessas instituições. Outros “disfarces” levaram-na a escrever sobre agências de emprego desonestas e sobre o trabalho nas fábricas de têxteis. Para reportar a vida nas prisões, fez-se prender, tendo para o efeito deliberadamente roubado uma mulher¹⁸. O que tornaria tão atraentes as suas histórias, sobretudo numa época em que a ciência colocava a tónica no distanciamento do investigador, era não só o conteúdo da denúncia, mas a possibilidade de as escrever como experiências em primeira-mão, apresentando-se a si própria, de alguma forma, como a heroína da história contada. Numa interessante análise do papel das “stunt girls” em geral, exemplificado pela história do hospital psiquiátrico de Nellie Bly, Jean Marie Lutes argumenta que “a reportagem de Bly exultava as especificidades concretas da experiência individual e desprezava a relativa abstracção da observação desinteressada. Ao adoptar a hiper-mulher histérica, o corpo hiper-expressivo, ela criava a sua própria história e reclamava o direito de a contar à sua maneira. Além disso, ao fingir insanidade, podia exhibir as próprias características então usadas para barrar a entrada às mulheres nas redacções: a sua feminilidade, a sua expressividade emocional; a sua vulnerabilidade física – e mesmo sexual”¹⁹. É a sua subjectividade que a leva a fazer parte dos títulos da histórias que conta: “A rapariga que faz caixas: Nellie Bly conta como é ser Escrava Branca”, “Visitando os hospitais: Nelly Bly escapa de ver as amígdalas amputadas”, “Tentando ser Criada: a estranha experiência de Nellie Bly”.

Mas foi sobretudo a sua fabulosa volta ao mundo (1889-1890), publicada em 1872, que a tornaria famosa. Decidida a bater o recorde do imaginário de Phineas Foggs, de Júlio Verne, o *World* prometia que a viagem da jovem e bonita repórter se faria dentro do limite dos 80 dias, contagiando toda a nação. Partiu no navio *Augusta Victoria* - sozinha e praticamente sem bagagem - de Hoboken, Nova Jersey, e o mundo, através do *World*, seguiu-a. O seu regresso, 72 dias (6 horas e 11 minutos) depois, fez-se por entre as fanfarras e o delírio dos fãs e a pilha de telegramas de felicitações que a esperavam, de onde um se destacava – o do galante Júlio Verne: “Nunca duvidei do sucesso de Nellie Bly. Ela provou a sua interpidez e a sua coragem”²⁰. Regressada ao jornal, não viu a sua vida de repórter melhorar, ou sequer um aumento de salário. Por isso despediu-se e só voltou ao *World* três anos depois.

¹⁷ KROEGER, Brooke – *Nellie Bly: Davedevil, Reporter, Feminist*. Nova Iorque, Random House, 1994.

¹⁸ MURPHY, Sharon M. e SCHILPP, Madelon Golden – *Great Women of the Press*. Carbondale, Southern Illinois University Press, 1983.

¹⁹ LUTES, Jean Marie – “Into the Madhouse with Nellie Bly: Girl Stunt Reporting in Late Nineteenth-Century America”. In: *American Quarterly*. 2002, Volume 54, Number 2, p. 218.

²⁰ MOTT, Frank Luther – *American Journalism: A History of Newspapers in the United States Through the 260 years: 1690 to 1950*. New York, Macmillan, 1950, p. 489.

Não se poderá dizer que Elizabeth Cochrane tenha aberto as portas do jornalismo às mulheres americanas. Estas continuavam a ser muito poucas e raramente acediam às primeiras páginas dos jornais. A única – e mais significativa – excepção era quando se entendia que o seu “ponto de vista feminino” podia ajudar a vender os jornais.

Tão-pouco é surpreendente que as “stunt girls” fossem tão atraentes para a guerra entre jornais. Por isso, como forte concorrente de Pulitzer, também William Randolph Hearst percebeu a sua importância comercial.

A contraparte de Nellie Bly nos jornais de Hearst era a talentosa Winifred Black que escrevia como Annie Laurie. Mestre na arte de escrita emocional, depressa abandonou os traços vitorianos de redacção para desenvolver o seu estilo pessoal vívido, de frases curtas e extravagantemente emocionais.

Com a escalada das guerras entre os jornais, mais mulheres foram contratadas para conseguirem histórias sob disfarce. Mas é sobretudo Nellie Bly, a que os historiadores mais referência fazem.

A mais famosa das “stunt girls”, Nellie Bly praticava um tipo de jornalismo que viria a ser recusado nos anos que se seguiriam e que, mais do que isso, em grande parte passaria a ser associado às jornalistas do sexo feminino, contribuindo para as afastar das salas de redacção. Na verdade, a evolução do jornalismo para um maior distanciamento e para um profissionalismo masculino, distante, frio e “realista” e a progressiva importância das “hard news” face às mais emocionais “soft news” pode ter sido o factor que “encorajou os historiadores literários a ler erradamente a escrita jornalística como um antídoto masculino para a influência das mulheres na ficção”²¹. Além disso, “obscureceu um caminho público nacional para as vozes das mulheres, criado pelas mulheres jornalistas, que se imaginaram a si próprias como veículos de publicidade, num duplo papel em que agiram simultaneamente como objectos e agentes”²².

Outras mulheres, também bem conhecidas, escreviam precisamente como mulheres (eram pagas para isso) - isto é, primando pelo sentimento e pela empatia, normalmente sobre vítimas de crime. A cobertura de um famoso julgamento de um assassinato, contada em estilo de drama moral, levou as suas autoras a serem conhecidas como “*sob sisters*” (irmãs carpideiras). Entre as mais conhecidas estava Adela Rogers St. John, “sob sister” de Hearst.

No final das décadas de 80 e 90, quando os jornais começavam a compreender a importância do público feminino, as mulheres jornalistas já tinham conquistado o mundo das revistas e é este, em grande parte, em que os jornais se inspiram. Mas é aos jornais que compete a descoberta de uma nova sensação: as colunas de aconselhamento. Uma das primeiras mulheres a ser colunista paga foi Sara Willis Parton que, entre 1850 e 1870, escrevia sob o pseudónimo “Fanny Fern” para o semanário *New York Ledger*, sobre assuntos que iam desde o sufrágio, à educação das mulheres e às suas oportunidades profissionais, códigos de vestuário, prostituição e problemas dos pobres. Escrevia abertamente, como o demonstra o excerto sobre a violência conjugal citado por Carolyn

²¹ LUTES, Jean Marie – “Into the Madhouse with Nellie Bly: Girl Stunt Reporting in Late Nineteenth-Century America”. In: *American Quarterly*. 2002, Volume 54, Number 2, p. 219.

²² LUTES, Jean Marie – “Into the Madhouse with Nellie Bly: Girl Stunt Reporting in Late Nineteenth-Century America”. In: *American Quarterly*. 2002, Volume 54, Number 2, p. 219.

Kitch: “há casos agravados para os quais as leis não dão solução. Nesses casos, deixemos uma mulher que tem o poder de se sustentar tomar o seu destino nas mãos e fazer justiça. Claro que ela será mal julgada e mal tratada. Mas compete-lhe escolher se prefere sofrer às mãos de alguém que lhe deve amor e protecção ou às mãos de um público que a adorará por nove dias”²³.

Um outro nome com frequência citado é o de Jane Cunningham Croly que fundou o primeiro clube feminino e, dez anos mais tarde, o primeiro clube de imprensa feminino, tendo também sido a primeira a ensinar jornalismo nas escolas. A sua principal fama vem, no entanto, do facto de ter criado as primeiras “páginas femininas” para o *New York Daily World*.

O valor do “ângulo feminino” era realçado nos guias de jornalismo da época. Ethel Brazelton, que ensinava “Jornalismo para mulheres” na Northwestern University Medill School of Journalism nos anos 20, falava assim das qualidades necessárias para fazer bom jornalismo: “Quando as faculdades sugeridas do repórter se juntam a qualquer coisa de indefinível chamada ‘personalidade’ - a capacidade, largamente composta de simpatia e compreensão, de se colocar no lugar do outro - o trabalho de reportagem torna-se excelente. É por causa do valor acrescentado desse jornalismo que a mulher jornalista, dotada por natureza com certas qualidades e capacidades distintivas, está nesta profissão para ficar”²⁴.

Mas as colunas femininas foram também exploradas de uma forma muito particular pelos jornais sensacionalistas. Hearst foi um dos primeiros a dar esse passo. George H. Douglas descreve-o assim: “Em 1898, o editor de Hearst, Arthur Brisbane, chamou duas jovens que estavam adstritas à página do lar. Mostrou-lhes uma carta de um leitor que dizia que o marido tinha sido lentamente afastado por uma mulher com que regularmente se encontrava para almoçar. Brisbane queria saber se estas cartas podiam servir para alguma coisa, pois não eram adequadas para a secção de “cartas ao editor”. Uma das raparigas, Marie Manning, pensou que a coluna podia vir a ser popular, ainda que receasse que pudesse não haver cartas suficientes para a manter”²⁵. Sob o pseudónimo de Beatrice Fairfax, escrevia-se assim a primeira coluna de “conselhos”. Continua Douglas: “em breve as cartas começaram a chover e Manning precisou de um assistente e de uma secretária para lidar com todas elas. Dentro de alguns meses, os contínuos corriam entre Park Row e os correios para dar conta do enorme saco de correio para “Beatrice Fairfax” - por vezes 1.500 cartas por dia. A pergunta mais frequente era ‘o que devo fazer para ser conhecida?’”²⁶.

O “jornalismo amarelo” com as suas proezas, “sob sisters” e colunas de aconselhamento explorou a novidade das mulheres jornalistas e não lhes concedeu um lugar no jornalismo ‘de referência’ ainda que, de certa forma, lhes tenha concedido uma oportu-

²³ KITCH, Carolyn – “Women in journalism”. In: SLOAN, W. David and PARCELL, Lisa Mullikin (eds.) – *American Journalism: History, Principles, Practices*. Jefferson, NC, McFarland & Company, 2002, p. 88.

²⁴ BRAZELTON apud KITCH, Carolyn – “Women in journalism”. In: SLOAN, W. David and PARCELL, Lisa Mullikin (eds.) – *American Journalism: History, Principles, Practices*. Jefferson, NC, McFarland & Company, 2002, p. 90-91.

²⁵ DOUGLAS, George H. – *The Golden Age of the Newspaper*. Westport, Greenwood Press, 1999, p. 185.

²⁶ Idem.

nidade para alargar o leque de temas cobertos. No entanto, Nellie Bly, as *stunt girls* e as *sob sisters* seriam progressivamente marginalizadas pelo novo jornalismo americano emergente.

Na primeira década do século XX, a América conhecia uma fase de grande concorrência entre jornais, que dava lugar a novos processos jornalísticos, caracterizados pelas investigações de fundo, para denúncia dos abusos de poder e de corrupção política. Tal jornalismo ficará conhecido como *muckraking*. Por outro lado, se desde a década de 1870 havia muitas denúncias de más práticas sociais e políticas, é com o advento de revistas de grande circulação como a *McClure's*, a *Everybody's*, e a *Collier's* que há espaço editorial para outro tipo de matéria editorial: “os jornais não eram suficientes para os novos tempos (...). Os jornais eram escritos à pressa; o seu conteúdo podia ser lido numa vista de olhos. Ainda que tivessem sementes de escritores e homens de estado, não podiam dar-lhes seguimento. As revistas eram outra coisa. O seu conteúdo podia ser pensado e projectado. Uma edição de uma revista podia reunir o conteúdo de um conjunto de edições dos jornais, resumido e refinado. Podia expor princípios filosóficos e ciência política”²⁷. Mas, para isso, eram precisos novos escritores, aliados a uma nova era de reforma e de denúncia dos abusos de poder.

Escavando porcaria: a ‘muckraker’ Ida M. Tarbell

Louis Filler descreve assim a viragem para o século XX na América: “Havia a Era Rooseveltiana; havia, ao mesmo tempo, uma Era de Muckrakers e esta era mais solidamente baseada na consciência social. Dela nasceu um zelo de reforma que iria marcar as futuras políticas americanas. O núcleo do muckraking era a análise realista dos profundos desajustes sociais”²⁸.

O impulso para a reforma tinha tomado a América e “tinha vindo de todos os lados: não tinha sido a posse exclusiva de filósofos, de reformadores de classe média ou organizadores e revolucionários proletários (...). O impulso tinha vindo dos idealistas plantadores da Virgínia, dos agricultores jacksonianos e dos trabalhadores alarmados com o poder do dinheiro, de poetas e utopistas (...). Na primeira década do século XX uma nova voz se juntava: vinha de escritores das revistas populares, a quem Theodore Roosevelt deu o nome de ‘muckrakers’”²⁹.

Roosevelt tinha-o feito num discurso proferido em 1906, comparando um certo tipo de jornalistas a uma personagem de *Pilgrim's Progress*, de John Bunyan: “o homem que só conseguia olhar para baixo com o ancinho nas mãos; que não podia olhar para cima nem para a coroa que lhe era oferecida e se mantinha a usar o ancinho para escavar a porcaria do chão”³⁰. Era de denúncia, portanto, que este jornalismo tratava, no segui-

²⁷ FILLER, Louis – *Appointment at Armageddon: Muckraking and Progressivism in American Life*. Westport, Greenwood Press, 1976, p. 238.

²⁸ FILLER, Louis – *The Muckrakers: Crusaders for American Liberalism*. University Park PA, Penn State University Press, 1950, p. 53.

²⁹ CHALMERS, David Mark – *The Social and Political Ideas of the Muck-rakers*. New York, Citadel Press, 1964, p. 9.

³⁰ ROOSEVELT *apud* REGIER, C. C. – *The Era of the Muckrakers*. University of North Carolina Press, 1932, p. 1.

mento de uma consciência social mais aguda das grandes concentrações de poder e do que significava para a vida americana a existência dos grandes monopólios com que o século XX abria.

Neste panorama, o presidente americano expressava a sua concordância com muitas das acusações feitas por estes jornalistas, mas também fazia saber como achava os seus métodos sensacionalistas e irresponsáveis: “apelo a cada escritor ou orador, a cada homem que, na plataforma ou num livro, revista ou jornal, que com severidade implacável ataca dessa forma, desde que ele também se lembre que o ataque só pode ser útil se for absolutamente verdadeiro”³¹.

Na verdade, o que Roosevelt expressava era também a ambiguidade do *muckraking*: o seu sensacionalismo, mas também o seu espírito de denúncia (ainda que não necessariamente reformador).

A exposição na imprensa da corrupção já se tinha iniciado pela mão de alguns escritores, mas “os seus esforços independentes tornaram-se um movimento quando descobriram que a sua escrita sobre queixas individuais sobre os indivíduos e queixas específicas envolvia realmente uma crítica alargada da sociedade. O reconhecimento do *muckraking* como filosofia social foi na verdade o produto de um empresário de uma revista barata, a *McClure's*”³².

O *muckraking*, por outro lado, não era uma mera extensão do jornalismo popular (amarelo) da década anterior, mas os jornais populares de Hearst e Pulitzer fizeram dele grandes títulos sensacionalistas. Daí, a sua ambiguidade: “o desenvolvimento do *muckraking* sugeria, de forma confusa, por um lado a reportagem exacta e penetrante e, por outro, o sensacionalismo irresponsável. Isto acontecia porque ambos os elementos se precipitavam pelo clamor público por informação. Hearst influenciava os escritores para enfatizarem os aspectos macabros dos factos. A [revista] *McClure's*, por outro lado, afastava-se, para aparecer desinteressada na apresentação dos artigos”³³.

É no cruzamento, por um lado, de um jornalismo sensacionalista com o seu caminho para um jornalismo mais distanciado e, por outro, do acesso das mulheres ao jornalismo como as questões do feminismo, que outra mulher se destaca: Ida Minerva Tarbell (1857-1944), a “mãe dos monopólios”³⁴.

O ano de 1902 é, na verdade, rico de trabalhos jornalísticos no feminino: Mary Manners escreveu uma série sobre a vida dos “Ricos desempregados” na *Everybody's* e Bessie e Marie Van Horst descreveram as experiências das operárias, também na *Everybody's*.

³¹ ROOSEVELT *apud* REGIER, C. C. – *The Era of the Muckrakers*. University of North Carolina Press, 1932, p. 1.

³² CHALMERS, David Mark – *The Social and Political Ideas of the Muck-rakers*. New York, Citadel Press, 1964, p. 12.

³³ FILLER, Louis – *Appointment at Armageddon: Muckraking and Progressivism in American Life*. Westport, Greenwood Press, 1976, p. 248.

³⁴ Veja-se: FILLER, Louis – *Appointment at Armageddon: Muckraking and Progressivism in American Life*. Westport, Greenwood Press, 1976.

Mas a grande sensação desse ano seria uma série de artigos, na revista *McClure's* sobre o corrupto império do petróleo de John D. Rockefeller: a “History of the Standard Oil Company” (1902-1904), assinada por uma jornalista, Ida M. Tarbell. Com a sua conclusão, em Novembro de 1904, estava estabelecida a indignação pública e cívica, que levou o governo Americano a colocar o monopólio Rockefeller em tribunal, desfazendo-o em 1911.

A série, de dezoito artigos, tinha demorado cinco anos a preparar³⁵, implicando um grande esforço de investigação e investimento por parte da revista. Estava consolidado um estilo de reportagem que teria muitos adeptos até cerca de 1912³⁶, mas Tarbell inaugurava também visível a relação ambígua de uma jornalista que se queria afirmar no jornalismo “sério” com a sua condição de mulher.

Ida Tarbell começou por trabalhar no *Chautauqua Assembly Herald* em 1883, com 26 anos, dizendo “na altura, era só uma coisa temporária. Eu não tinha qualquer inclinação para escrever ou para o trabalho editorial. Era um tapa-buracos, nada mais”³⁷. A História e as biografias interessavam-na mais. Em 1894 foi para França para estudar na Sorbonne, sustentando-se durante três anos com os seus artigos de free-lancer. Em Paris, Samuel S. McClure, o empresário da famosa revista, conheceu-a e convidou-a para a nova *McClure's*. Escreveu biografias serializadas sobre Madame Roland, Napoleão e Lincon, mas seria “A história da Standard Oil” que a tornaria famosa.

Como *muckraker*, Ida Tarbell era “one of the boys” num duplo sentido: porque era única entre os seus colegas que contavam com nomes como Lincoln Steffens, David Graham Phillips, Ray Stannard Baker, Samuel Hopkins Adams, e Upton Sinclair e porque defendia pensar e agir como eles. Nas páginas da *McClure's*, juntamente com as denúncias de corrupção na cidade, lideradas por Steffens, e dos inúmeros problemas dos operários, tratados por Baker, Tarbell expusera as práticas de negócio de John D. Rockefeller e da sua *Standard Oil Company*. Tornou-se por isso nacionalmente famosa e visível numa profissão praticamente dominada pelos jornalistas de sexo masculino. Uns anos depois da sua triunfante publicação sobre a *Standard Oil* - um símbolo do seu êxito num tipo de jornalismo bem afastado das “páginas femininas” - Ida Tarbell apareceu como uma forte defensora da imagem e do papel social da mulher do século anterior, através da publicação de um conjunto de artigos na *American Magazine*, começados em 1909, e mais tarde publicados em formato de livro, intitulado *The Business of Being a Woman* (A questão de ser Mulher).

A sua visão da feminilidade não podia ser mais tradicional: uma mulher nunca poderia ter uma vida afectiva e uma profissão e precisava de reencontrar a sua “verdadeira

³⁵ Veja-se: REGIER, C. C. – *The Era of the Muckrakers*. University of North Carolina Press, 1932.

³⁶ Miraldi e Filler encontram na publicidade a razão que causaria o fim do *muckraking*: quer sob a forma de “suborno publicitário” quer através do boicote à mesma, feito pelas grandes empresas. (Veja-se: MIRALDI, Robert (ed) – *The Muckrakers: Evangelical Crusaders*. Praeger, Westport, CT, 2000; FILLER, Louis – *Appointment at Armageddon: Muckraking and Progressivism in American Life*. Westport, Greenwood Press, 1976). Sobre os vários ciclos do jornalismo de investigação na América e o lugar do *muckraking* nesses ciclos ver FELDSTEIN, Mark – “A Muckraking Model: Investigative Reporting Cycles in American History”. In: *The Harvard International Journal of Press/Politics*, 2006, 11(2), p. 105-120.

³⁷ BEASLEY, Maurine H. and GIBBONS, Sheila – *Taking Their Place: A Documentary History of Women and Journalism*. Washington, American University Press, 1993, p. 35-36.

natureza”. As mulheres, escreveu - enfurecendo muitas feministas, incluindo a sua amiga sufragista Jane Addams -, não tinham a visão necessária para alcançar grandeza. Mesmo não tendo seguido o exemplo que proclamava, aconselhou as mulheres a casarem-se e a recuperarem a sua “natureza feminina”, afastando-se da participação da vida política e abraçando o seu verdadeiro papel como mães e donas de casa. Este era, naturalmente, um rude golpe para as sufragistas e Heller Keller justificou o caso dizendo que Ida “estava a ficar velha”³⁸. Mas o que a teria feito mudar de ideias? E teria mudado de ideias?

Nos seus textos, Tarbell falava da necessidade de voltar à natureza feminina quando as feministas encorajavam as mulheres a abandonar o que consideravam os limites demasiado estreitos do lar e a procurar a igualdade nos negócios, na política e nas questões públicas. Isto, para Tarbell, só podia trazer a sua infelicidade. As mulheres nunca teriam atravessado a linha para o mundo masculino, pensava Tarbell, se as feministas não as tivessem empurrado para as margens.

Era preciso recuperar o tempo em que as mulheres não imitavam os homens e isso significava voltar ‘ao lar’: “Estando de fora, Ida olhou para o pequeno círculo morno do que as mulheres era suposto serem e conjurou a imagem de felicidades domésticas que era suposto elas desfrutarem. Nunca a tinha encontrado nas vidas das mulheres mais próximas de si, na mãe, tia, irmã, ou cunhada, mas acreditava que outras mulheres tinham aquela segurança doméstica, mesmo se ela não a pudesse ter”³⁹.

O sufrágio das mulheres não só era desnecessário, mas também errado, pois a participação das mulheres na política e no governo era contra a “verdadeira” natureza das mulheres. Como diz Brady: “Não tendo aceite o destino de mulher para si, aprovou-o para outras”⁴⁰.

Já antes Tarbell expressara ideias que não eram muito diferentes destas. Em 1887 escrevera um artigo intitulado “As mulheres no jornalismo” onde defendia que os editores ofereciam muito poucas oportunidades às mulheres e que o único tipo de jornalismo que podiam praticar era o das “notícias de polícia e morgue”. Mas, afirmava, com o avanço da civilização essas matérias seriam cada vez menos populares, pelo que não tardaria muito que os jornais se abrissem à entrada das mulheres, sem restrições. No entanto, dizia também que para uma mulher vir a ter êxito, ela teria de manter sob controlo os seus sentimentos femininos: “A mulher que apresenta uma peça bem preparada do que lhe parece ser um acontecimento muito importante e vê o lápis azul editorial nos seus textos, ou é confrontada com problemas na sua escrita, sente vontade de chorar. Mas um editor com uma revista diária ou semanal nas mãos não tem tempo para ‘sentimentos’”⁴¹.

³⁸ Veja-se: STINSON, Robert – “Ida M. Tarbell and the Ambiguities of Feminism”. In: *The Pennsylvania Magazine of History and Biography*. 1977, n.º 101.2, p. 219.

³⁹ BRADY, Kathleen – *Ida Tarbell: Portrait of a Muckraker*. Pittsburgh, PA, University of Pittsburgh Press, 1989, p. 61.

⁴⁰ BRADY, Kathleen – *Ida Tarbell: Portrait of a Muckraker*. Pittsburgh, PA, University of Pittsburgh Press, 1989, p. 201.

⁴¹ TARBELL *apud* STINSON, Robert – “Ida M. Tarbell and the Ambiguities of Feminism”. In: *The Pennsylvania Magazine of History and Biography*. 1977, n.º 101.2, p. 233.

Não há, portanto, uma grande distância entre estes escritos e aqueles onde ela expressava o seu anti-feminismo, ainda que eles tenham surpreendido as sufragistas e as feministas da época. O que era novo não era a conversão de Tarbell à ideia da mulher e do lar do século XIX, mas uma nova articulação dos seus pontos de vista com que tinha vivido em tensão durante trinta e cinco anos⁴².

Como Maurine Beasley e Sheila J. Gibbons observam, o conflito de Ida Tarbell não era único: “As mulheres que conseguiram ascender à primeira página nos primeiros anos deste século tiveram que se constituir em paradoxos de desumanidade masculina e gentildade feminina”⁴³. Uma mulher que quisesse ter sucesso teria de se concentrar no seu trabalho com a exclusão de tudo: casa, interesses efectivos, e crianças. Concentrar-se no trabalho também significava frequentemente ter uma forte empatia “com figuras masculinas, quer em termos de fontes noticiosas, quer em termos dos seus mentores profissionais”⁴⁴.

Entre os anos de 1920 e 1930 o caminho da “objectividade” estava estabelecido, e a ideia de que as mulheres deviam fazer um jornalismo de forma diferente dos seus colegas estava ultrapassada. No entanto, ainda eram sobretudo as mulheres que continuavam a cobrir matérias como os julgamentos e mantinham-se arredadas da política. Ishbel Ross descrevia assim a divisão entre as jornalistas que trabalhavam para a “imprensa amarela” (e mais tarde para os tabloides sensacionalistas) e as que trabalhavam para os jornais mais sérios: “Éramos compelidas para a importância da boa escrita e da escrita objectiva, em vez de exclusivos frenéticos. Embora nenhum jornal fosse indiferente a um exclusivo, as repórteres no *World* e nos jornais de Hearst tinham de dar sabor e cor. As mulheres tinham de mostrar os seus sentimentos nas suas reportagens”⁴⁵.

Nos anos de 1920 estavam vencidas muitas barreiras no acesso da profissão das mulheres. Mas talvez tenha sido Eleanor Roosevelt que mais tenha feito por avançar as carreiras das mulheres no jornalismo durante os anos 30 e 40. Pouco conhecida como jornalista, apresentava-se, no entanto, como “autora, professora e jornalista profissional” na sua declaração de impostos⁴⁶. A sua actividade incluía uma coluna de jornal – um diário das suas actividades – que escreveu desde 1936 até ao ano em que morreu (1962), para além de centenas de artigos em revistas e intervenções em rádio sobre questões públicas⁴⁷.

A primeira-dama declarou que as suas conferências de imprensa só seriam cobertas por mulheres e, como ela própria por vezes fazia as notícias, todos os jornais passaram a

⁴² Veja-se: STINSON, Robert – “Ida M. Tarbell and the Ambiguities of Feminism”. In: *The Pennsylvania Magazine of History and Biography*. 1977, n.º 101.2, p. 239.

⁴³ BEASLEY, Maurine H. and GIBBONS, Sheila – *Taking Their Place: A Documentary History of Women and Journalism*. Washington, American University Press, 1993, p.13.

⁴⁴ BEASLEY, Maurine H. and GIBBONS, Sheila – *Taking Their Place: A Documentary History of Women and Journalism*. Washington, American University Press, 1993, p. 14.

⁴⁵ ROSS apud MARZOLF, Marion – *A History of Women Journalists*. New York, Hastings House, 1977, p. 30-40.

⁴⁶ BEASLEY, Maurine – “Recent Directions for the Study of Women’s History in American Journalism”. In: *Journalism Studies*. 2001, Vol. 2(2), p. 207.

⁴⁷ Vide: BEASLEY, Maurine H. – *Eleanor Roosevelt and the Media: A Public Quest for Self-Fulfillment*. Urbana, University of Illinois Press, 1987.

empregar, pelo menos, uma mulher. Essas jornalistas mais em contacto com a Casa Branca viriam a ser conhecidas como as “Eleanor girls”, influenciando jornalistas como Bess Furman da Associate Press, Kathleen McLaughlin e Genevieve Forbes Herick do *Chicago Tribune*, e Emma Bugbee do *New York Tribune*.

Conclusão

No início do século XXI, muito mudou e muito é ainda comum ao lugar das mulheres no jornalismo tal como na viragem para o século XX. Os tablóides de ontem são muito diferentes dos de hoje, mas ainda têm em comum o seu sensacionalismo, a sua necessidade de chocar e de expor “escândalos” para as massas. Neles ainda encontramos velhas imagens estereotipadas de mulheres. Se hoje se pode dizer que não há reservas à entrada de mulheres ou às matérias que podem cobrir, o “tecto de vidro”, comum a tantas outras profissões, ainda se mantém. Mas talvez o mais interessante seja compreender que a forma que o jornalismo tomou, desde o século passado, tendeu crescentemente a apagar as marcas de subjectividade e a projectar “os factos”, gerando formas particulares de experienciar a condição de ser mulher e profissional. A isso correspondeu uma resposta de projectar o “profissionalismo”, em vez de qualquer aparente distinção entre os sexos.

Antónia Pusich, em Portugal, percebeu em meados do século XIX a necessidade de educar as mulheres, utilizando o jornalismo para agendar essa questão. Nellie Bly e Ida Tarbell, nos Estados Unidos e em finais de século, talvez já não tenham eco nas jornalistas de hoje, mas não é difícil encontrarmos a mesma ambivalência face à profissão, nomeadamente no que toca à progressão nas carreiras e à verdadeira igualdade.

Quando Ida Tarbell falava do alto preço que as mulheres tinham de pagar para ter êxito, talvez falasse de si própria em termos sombrios e estranhamente anacrónicos: “Para ter êxito, [uma mulher] tem de suprimir as suas emoções e apresentar-se ao mundo com uma face de não-susceptibilidade como pensa ser a do homem na sua forma de lidar com o mundo (...) Fecha-se numa armadura não-natural ... tem de ultrapassar a sua própria natureza, colocá-la entre parêntesis, derrotá-la, se quiser fazer o seu trabalho (...). Eis uma razão fundamental para o falhanço de uma mulher fazer o seu trabalho. Ela sacrificou a melhor parte do seu dote, aquela que quando treinada lhe dá visão, aguça as suas intuições (...). A caracterização comum desta mulher atrofiada é que ela é “fria” (...) centrada em si mesma e intensamente pessoal”⁴⁸.

Se Nellie Bly e as “stunt girls” exacerbavam a sua “experiência feminina”, Ida Tarbell mostrava assim, de forma amarga, o preço de tentar romper os tectos de vidro.

Por isso, as mulheres jornalistas do passado nos ajudam a compreender a imagem que as jornalistas têm de si mesmas e da sua profissão, num contexto próprio de transformações sociais e profissionais que ainda lhes exige muito mais do que uma mera adaptação funcional. Só depois de o compreendermos, saberemos melhor como conciliar as especificidades concretas da sua experiência individual com a igualdade, para além da aparência das notícias.

⁴⁸ TARBELL, Ida M. - *The Business of Being a Woman*. The Project Gutenberg eBook, 1921/2005. <http://www.gutenberg.org/etext/16577>, p. 11.

BIBLIOGRAFIA

- BEASLEY, Maurine – “Recent Directions for the Study of Women's History in American Journalism”. In: *Journalism Studies*. 2001, Vol. 2(2), p. 207-220.
- BEASLEY, Maurine H. – *Eleanor Roosevelt and the Media: A Public Quest for Self-Fulfillment*. Urbana, University of Illinois Press, 1987.
- BEASLEY, Maurine H.; GIBBONS, Sheila – *Taking Their Place: A Documentary History of Women and Journalism*. Washington, American University Press, 1993.
- BEETHAM, M., – *A magazine of her own? Domesticity and desire in the woman's magazine, 1800-1914*. London, Routledge, 1996.
- BRADY, Kathleen – *Ida Tarbell: Portrait of a Muckraker*. Pittsburgh, PA, University of Pittsburgh Press, 1989.
- CASTRO, Zília Osório de; ESTEVES, João – *Dicionário no Feminino (Séculos XIX-XX)*. Lisboa, Livros Horizonte, 2005.
- CHALMERS, David Mark – *The Social and Political Ideas of the Muck-rakers*. New York, Citadel Press, 1964.
- DOUGLAS, George H. – *The Golden Age of the Newspaper*. Westport, Greenwood Press, 1999.
- DUARTE, Cristina L. – “O jornalismo feminino no século XIX português”. In: *A Cidade das Mulheres*. 2006 http://acidadedasmulheres.blogspot.com/2006_05_01_archive.html
- ENDERS, Kathleen – “Muckraking: a Term Worth Redefining”. In: *American Journalism*. 1997, 14, 3-4, p. 333-335.
- FELDSTEIN, Mark – “A Muckraking Model: Investigative Reporting Cycles in American History”. In: *The Harvard International Journal of Press/Politics*, 2006, 11(2), p.105-120.
- FILLER, Louis – *The Muckrakers: Crusaders for American Liberalism*. University Park PA, Penn State University Press, 1950.
- FILLER, Louis – *Appointment at Armageddon: Muckraking and Progressivism in American Life*. Westport, Greenwood Press, 1976.
- GOTTLIEB, Agnes Hooper – “Women and Exposé: Reform and Housekeeping”. In: MIRALDI, Robert (ed.) – *The Muckrakers: Evangelical Crusaders*. Praeger, Westport, CT, 2000.
- HOLLAND, Patricia – “The politics of the smile. ‘Soft news’ and the sexualisation of the popular press”. In: CARTER, Cynthia; BRANSTON, Gill and ALLAN, Stuart – *News, Gender and Power*. London and New York, Routledge, 1998, p. 17-32.
- KITCH, Carolyn – “Women in journalism”. In: SLOAN, W. David and PARCELL, Lisa Mullikin (eds.) – *American Journalism: History, Principles, Practices*. Jefferson, NC, McFarland & Company, 2002, p. 87-96.
- KOCHERSBERGER, Robert C. Jr. (ed.) – *More Than a Muckraker: Ida Tarbell's Lifetime in Journalism*. Knoxville, University of Tennessee Press, 1994.
- KROEGER, Brooke – *Nellie Bly: Daredevil, Reporter, Feminist*. Nova Iorque, Random House, 1994.
- LAVIE, A. e LEHMAN-WILZIG, S. – “Whose News? Does Gender Determine the Editorial Product?”. In: *European Journal of Communication*, 2003, 18 (1), p. 5-29.

- LEAL, Maria Ivone – “Os papéis tradicionais femininos: Continuidades e Rupturas de Meados do Séc. XIX a meados do século XX”. In: *A mulher na sociedade portuguesa*. Coimbra, Instituto de História Económica e Social, FLUC, 1986, vol. 2, p. 353-368.
- LEAL, Maria Ivone – *Um século de periódicos femininos*. Lisboa, MESS. CIDM, 1992.
- LUTES, Jean Marie – “Into the Madhouse with Nellie Bly: Girl Stunt Reporting in Late Nineteenth-Century America”. In: *American Quarterly*. 2002, Volume 54, Number 2, p. 217-253.
- MARZOLF, Marion – *A History of Women Journalists*. New York, Hastings House, 1977.
- MIRALDI, Robert (ed) – *The Muckrakers: Evangelical Crusaders*. Praeger, Westport, CT, 2000.
- MOTT, Frank Luther – *American Journalism: A History of Newspapers in the United States Through the 260 years: 1690 to 1950*. New York, Macmillan, 1950.
- MURPHY, Sharon M.; SCHILPP, Madelon Golden – *Great Women of the Press*. Carbondale, Southern Illinois University Press, 1983.
- REGIER, C. C. – *The Era of the Muckrakers*. University of North Carolina Press, 1932.
- RODGERS, Shelly; THORSON, Esther – “A Socialization Perspective on Male and Female Reporting”. In: *Journal of Communication*. 2003, n.º 53:4, p. 658–675.
- SILVEIRINHA, Maria João – “Representadas e Representantes: As mulheres e os Media”. In: *Media & Jornalismo*. Coimbra, 2004, n.º 5, p. 9-30.
- SOLOMON, Martha M. – *A Voice of Their Own: The Woman Suffrage Press*. Tuscaloosa, University of Alabama Press, 1991.
- STINSON, Robert – “Ida M. Tarbell and the Ambiguities of Feminism”. In: *The Pennsylvania Magazine of History and Biography*. 1977, n.º 101.2, p. 217-239.
- TARBELL, Ida M. - *The Business of Being a Woman*. The Project Gutenberg eBook, 1921/2005. <http://www.gutenberg.org/etext/16577>
- VAN ZOONEN, Liesbet – “A professional, unreliable, heroic marionette (M/F). Structure, agency and subjectivity in contemporary journalism”. In: *European Journal of Cultural Studies*. 1998, vol. 1:1, p. 123-143.
- VAN ZOONEN, Liesbet – “One of the girls? The changing gender of journalism”. In: CYNTHIA Carter; BRANSTON, Gill; ALLAN, Stuart – *News, Gender and Power*. London and New York, Routledge, 1998, p. 47-70.